

# RUFITHORPE

«Um romance totalmente original... uma história extraordinária.»

*The Associated Press*

# MARGO TEM PROBLEMAS DE DINHEIRO

«Um olhar radical sobre a história de uma jovem mulher a ganhar o controlo da sua vida num mundo que a preferia sem qualquer independência.»

**TIME**, «100 Must-Read Books of the Year»



**TOP  
SELER**

*Para ti*

## CAPÍTULO UM

**E**stão prestes a começar a leitura de um livro novo e, com franqueza, sentem alguma tensão. O início de um romance é como um primeiro encontro. Esperamos que uma magia urgente se apodere de nós desde as primeiras linhas, e que entremos na história como se entrássemos num banho quente, entregando-nos por inteiro. Mas esta esperança é temperada por sabermos que, na realidade, teremos de aprender os nomes de um monte de gente e seguir a história educadamente, como se estivéssemos no chá de bebê de uma mulher que mal conhecemos. E não há nada de mal nisso. Certamente, já se apaixonaram por livros que não vos agarraram no primeiro parágrafo. Isso, todavia, não vos impede de desejar que tal acontecesse, de desejar que se esgueirassem até vocês na escuridão da vossa mente e vos beijassem o pescoço.

O CHÁ DE BEBÉ de Margo foi organizado pela dona do restaurante onde trabalhava, Tessa, que achou que seria engraçado se o bolo tivesse a forma de uma grande pila, talvez porque Margo não era casada, porque tinha 19 anos e nem sequer podia beber, ou porque tinha sido o seu professor a engravidá-la. Tessa era uma pasteleira de talento. Fazia pessoalmente todas as sobremesas do restaurante e esmerara-se

no bolo pénis: um falo 3D esculpido à mão, com doze camadas de pão de ló e cobertura rosa mate. Instalou uma bomba manual e, depois de cantarem *Porque Ela Vai Ter um Bebê Grande* com a melodia de *For He's a Jolly Good Fellow* e de Margo ter apagado as velas (porquê? não fazia anos), Tessa apertou a bomba com força, fazendo esguichar um creme branco que escorreu pelo bolo abaixo. Tessa gritou de alegria. Margo fingiu rir e, mais tarde, chorou na casa de banho.

Margo sabia que Tessa tinha feito o bolo porque gostava dela. Tessa era, ao mesmo tempo, uma pessoa má e extremosa. Uma vez, quando descobriu que o rapaz que fazia as saladas não tinha paladar nem olfato por ter sido espancado quase até à morte na adolescência, serviu-lhe um prato de espuma de barbear e substrato para plantas, dizendo-lhe que era uma nova sobremesa. O rapaz comeu duas grandes colheradas antes de ela o impedir de continuar.

Margo sabia que Tessa estava a tentar aligeirar uma situação que não era feliz. Gostava de transformar tragédia em festa. Mas parecia injusto que o único amor disponível para Margo fosse tão inadequado e doloroso.

A mãe de Margo, Shyanne, tinha-lhe dito que devia abortar. O seu professor tinha-lhe pedido para abortar, completamente histérico. Na verdade, Margo não tinha a certeza de querer o bebé; queria era provar aos dois que não podiam vergá-la consoante a sua vontade. Nunca lhe ocorreu que, assumindo essa posição, eles pudessem simplesmente interagir menos com ela. Ou, no caso do professor, deixar de interagir com ela de todo.

Apesar de Shyanne ter acabado por aceitar a decisão de Margo e ter tentado até apoiá-la, o apoio propriamente dito nem sempre foi útil. Quando Margo entrou em trabalho de parto, a mãe chegou ao hospital com quatro horas de atraso porque tinha andado pela cidade à procura de um bom urso de peluche.

— Não vais acreditar nisto, Margo, mas acabei por voltar ao Bloomingdale's porque tinham o melhor!

Shyanne trabalhava no Bloomingdale's há quase quinze anos. Ver as pernas dela com *collants* pretos transparentes era uma das

primeiras recordações de Margo. Shyanne estendeu o urso, que era branco e com uma cara ligeiramente obstipada. Fez uma voz aguda e estridente:

— Põe esse pequenino cá fora, quero conhecer o meu amigo!

Shyanne usava tanto perfume que Margo quase se alegrou quando ela se foi sentar a um canto e começou a jogar póquer no telemóvel. *PokerStars*. Era o seu vício. Mascava pastilha elástica e jogava póquer toda a noite, a dar cabo daqueles palermas. Era o que Shyanne chamava sempre aos outros jogadores: «palermas».

Uma enfermeira foi malcriada e gozou com o nome que Margo escolhera. Margo chamou Bodhi ao bebé, de *bodhisattva*, o que até a mãe achou estúpido, mas Shyanne deu uma bofetada em cheio no queixo da enfermeira, o que provocou um grande alarido. Foi também o momento em que Margo se sentiu mais amada pela mãe e, durante muitos anos, revisitaria a recordação daquela bofetada e da expressão de absoluta surpresa na cara da enfermeira.

Mas isso aconteceu depois da epidural e de uma noite inteira a sentir tanta sede como um cão raivoso, a implorar por aparas de gelo e a receber uma esponja amarela para chupar, sendo as esponjas conhecidas pela sua capacidade de matar a sede.

— Mas que merda — disse Margo com a esponja na boca, que sabia a limão.

Foi depois de fazer força e de fazer cocó na marquesa e de o seu obstetra parecer enojado enquanto a limpava e de Margo gritar:

— Vá lá, já viu isto antes!

E ele riu-se e disse:

— Tem razão, tem razão, já vi. Mamã, agora vamos fazer muita força mais uma vez. — E depois a magia do corpo roxo e escorregadio de Bodhi quando lho puseram sobre o peito, embrulhado nas toalhas, com os olhos fechados. Sentiu-se imediatamente preocupada por ser tão magro. As suas pernas, em particular, pareciam subdesenvolvidas, fazendo lembrar um girino. Só tinha dois quilos e meio, apesar da canção que lhe tinham cantado no trabalho. E Margo amava-o. Amava-o tanto que os ouvidos lhe zumbiam.

\*

FOI SÓ QUANDO lhe deram alta do hospital que Margo começou a entrar em pânico. Shyanne já tinha faltado a um turno para estar presente no parto, não tinha como tirar mais um dia para ajudar Margo a voltar para casa do hospital. Além disso, estava tecnicamente proibida de entrar no hospital depois de ter esbofetado aquela enfermeira. Margo disse à mãe que ficaria bem, claro. Mas, enquanto saía do parque de estacionamento, com o bebé a gritar na gaiola de plástico duro da sua cadeirinha, sentiu-se como se estivesse a assaltar um banco. O choro do bebé era tão débil e mucoso que o seu coração acelerou e tremeu durante os quarenta e cinco minutos de viagem até casa.

Estacionou na rua porque o apartamento delas tinha apenas um lugar de estacionamento, mas, quando foi tirar Bodhi do banco traseiro, descobriu que não sabia como funcionava a alavanca que soltava a cadeirinha da base. Carregou no botão. Haveria um segundo botão em que devia carregar ao mesmo tempo? Começou a abanar a cadeira, com cuidado para não a abanar com demasiada força. Se havia algo que todos tinham deixado bem claro era que nunca se devia abanar o bebé. Bodhi tinha começado a chorar freneticamente e Margo não parava de pensar: *Não tens calorias para gastar tanta energia, vais morrer antes de eu te conseguir levar lá para cima!*

Depois de cinco minutos em pânico, lembrou-se finalmente de que podia simplesmente desapertar-lhe as correias e, depois de se atrapalhar com o fecho de plástico estupidamente gigantesco que lhe cobria o peito e de carregar no maldito botão vermelho da fivela nas virilhas com a força sobre-humana necessária (a sério, imaginou uma família de alpinistas, habituados a estarem pendurados em penhascos pelas pontas dos dedos, que decidiu começar a desenhar coisas para bebés), soltou-o, mas, então, não fazia ideia de como iria carregar aquela coisa minúscula e frágil além de todos os seus sacos. Os pontos que tinha lá em baixo doíam-lhe muito e lamentava profundamente a vaidade que a tinha feito trazer calças de ganga na

viagem do hospital para casa, apesar de, e que isso constasse em ata, lhe servirem.

— Vamos lá — disse com seriedade enquanto olhava para o corpo minúsculo de Bodhi, com a cara vermelha e roxa, e os olhos fechados com força. — Agora não te mexas. — Pousou-o no banco da frente do carro para conseguir passar as alças do saco das fraldas e do saco da roupa sobre os ombros, cruzando-as sobre as mamas como bandoleiras. A seguir, pegou no bebé e subiu a rua até aos tristonhos prédios castanhos de Park Place. Não eram maus apartamentos, na verdade, escondidos atrás da estação de serviço detentora do incrível nome Fuel Up!, mas, comparados com as alegres e fantasiosamente garridas casas dos anos quarenta que ladeavam o resto da rua, Park Place parecia um convidado indesejado.

Enquanto subia as escadas exteriores até ao segundo andar, sentia-se aterrorizada com a possibilidade de deixar cair o bebé de repente, de o seu pequeno corpo, do tamanho de uma galinha da Cornualha, a cair em espiral para a piscina comunitária entupida com folhas. Entrou, cumprimentou a companheira de casa no sofá, a mais simpática, Suzie, que adorava LARP<sup>1</sup> e, às vezes, se vestia de duende, mesmo durante a semana. Quando chegou ao quarto, fechou a porta, tirou os sacos e se sentou na cama para cuidar de Bodhi, sentia-se como se tivesse estado numa guerra.

Não quero insultar as pessoas que estiveram na guerra. Só quero dizer que aquele nível de stress e de dificuldades físicas não se enquadravam nada com a experiência anterior de Margo. Enquanto dava de mamar ao bebé, não parava de pensar: *Estou tão fodida, estou tão fodida, estou tão fodida*. Porque, à sua volta, sentia o eco do vazio de não haver ninguém para cuidar dela, ninguém para se preocupar com ela ou ninguém para a ajudar. Era como se estivesse a dar de mamar àquele bebé numa estação espacial abandonada.

---

<sup>1</sup> Acrónimo de *live action role playing*; maioritariamente voltado para jogos de guerra ou combate, os participantes utilizam o espaço em que se encontram como cenário, usando adereços e vestindo-se de acordo com a época ou fantasia do jogo em questão. [N. T.]

Segurou a bolsa perfeita que era o corpo quente dele e olhou para a sua pequena cara contorcida, para as pequenas cavidades das suas narinas misteriosamente belas e primorosas. Tinha lido que os olhos dos bebés só conseguiam focar as coisas a cerca de trinta centímetros de distância, que era exatamente a distância a que as caras das mães ficavam quando davam de mamar, e ele estava a olhar para ela naquele momento. Que veria ele? Sentia-se mal se a visse a chorar. Quando Bodhi adormeceu, não o pôs no berço, como devia fazer. Deitou-se ao lado dele na cama, consciente de que a bateria que a mantinha acordada se começava a esgotar. Tinha medo de adormecer quando era a única guardiã daquele pequeno ser, mas o seu corpo não lhe dava escolha.

APRENDI AS EXPRESSÕES *primeira pessoa*, *terceira pessoa* e *segunda pessoa* na escola secundária e pensei que era tudo o que havia para saber acerca de pontos de vista, até conhecer o pai do Bodhi no outono de 2017. A disciplina que o Mark dava era sobre pontos de vista impossíveis ou improváveis. Lembro-me de um dia em que um miúdo chamado Derek estava a tentar encontrar um diagnóstico para o protagonista de uma novela, recorrendo a todos os lugares-comuns psiquiátricos, e o Mark não parava de dizer:

- A personagem principal não é uma pessoa real.
- Mas no livro ele é uma pessoa real — dissera o Derek.
- Sim, na medida em que não é apresentado como um gato ou um robô — retorquiu o Mark.
- Só estou a dizer que, no livro, acho que ele tem transtorno de personalidade *borderline*.
- Isso não é uma forma interessante de ler o livro.
- Talvez para si — disse o Derek —, mas eu acho interessante.
- Usava um gorro preto e via-se que tinha o cabelo sujo por baixo, fino e sem volume, como o pelo de um gato doente. Era o tipo de rapaz que nunca se interessaria romanticamente por mim e em quem eu, por isso, passava pouco tempo a pensar. Era provável que visse muitos filmes estrangeiros.



— Mas a personagem não seria interessante se fosse uma pessoa real — disse o Mark. — Nunca quererias conhecer alguém assim, nunca te tornarias seu amigo. As personagens só são interessantes porque não são reais. É na falsidade que reside o interesse. Na verdade, eu diria mesmo que todas as coisas que são genuinamente interessantes não são completamente reais.

— As coisas reais são chatas e as coisas irreais são interessantes, certo — concluiu o Derek. Só conseguia ver a nuca dele, mas parecia revirar os olhos, o que até para ele era descarado.

— A questão é que — disse o Mark — o narrador não faz X ou Y porque tem transtorno de personalidade *borderline*. Faz X ou Y porque o autor o obriga. Não estás a tentar ter uma relação com a personagem. Estás a tentar ter uma relação com o autor *através* da personagem.

— Certo — disse o Derek. — Isso já parece menos estúpido.

— Muito bem — respondeu o Mark. — Contento-me com menos estúpido.

Depois, todos se riram, como se tivéssemos passado a ser bons amigos. Eu não disse uma palavra nessa aula. Não intervinha em nenhuma das minhas aulas. Honestamente, nem sequer me ocorria que o devesse fazer. Os professores diziam sempre que parte da nota era a participação. Tinha aprendido há muito tempo que isso era *bluff*. Não percebia porque é que alguém haveria de querer intervir na aula, mas havia sempre um ou dois que tagarelavam o tempo todo, como se o professor fosse o apresentador de um *talk-show* e eles fossem uma celebridade de quem todos gostavam que vinha promover o filme da sua própria inteligência.

Mas, no dia em que entregou os nossos primeiros trabalhos corrigidos, o Mark pediu-me para ficar depois da aula.

— Que fazes aqui? — perguntou ele.

— Oh, estou inscrita — respondi.

— Não — disse ele —, este trabalho.

Vi que ele tinha o meu trabalho nas mãos. Tinha um A escrito a vermelho, mas fingi estar preocupada. Não sei bem porquê.

— O trabalho não está bom?

— Não, o trabalho está excelente. Pergunto porque estás na *junior college* de Fullerton. Podias ir para qualquer lado.

— O quê — disse eu, a rir —, tipo Harvard?

— Sim, tipo Harvard.

— Acho que não nos deixam entrar em Harvard por escrevermos um bom trabalho de Inglês.

— É exatamente por isso que te deixam entrar em Harvard.

— Oh — disse eu.

— Queres ir tomar café um dia destes? — perguntou ele. — Podemos falar mais sobre isto.

— Sim — respondi. Ainda não fazia ideia de que ele estava interessado em mim. Nem me passou pela cabeça. Era casado, usava aliança, tinha 30 e poucos anos, idade suficiente para eu não pensar nele dessa forma. Mas, mesmo que soubesse das intenções dele, teria querido tomar aquele café.

Era meu professor e, por alguma razão, aquele título misterioso tornava-o ligeiramente não humano. No início, era difícil imaginar que eu pudesse magoá-lo ou afetá-lo de alguma forma. Também não fiz juízos morais sobre ele. Aceitei-o como ele era, como se tivesse conquistado o direito de ser esquisito, estranho e adúltero por ser melhor e mais esperto do que as outras pessoas, melhor e mais esperto do que eu. O Mark parecia tão delirante e misteriosamente inútil como a própria cidade de Fullerton.

Fullerton não era realmente mais rica do que o sítio onde eu tinha crescido, em Downey, embora tivesse um ambiente completamente diferente graças às faculdades: a Cal State Fullerton e a sua irmã mais nova, a Fullerton College. Em Downey, era possível comer marisco a preços exorbitantes num restaurante sombrio a pulsar com *techno* ou esperar uma hora na fila para comer pãezinhos doces do Porto's, dignos do Instagram. Fullerton, por outro lado, era como uma cidade inteira gerida por tias solteironas. Tinha tantos dentistas e consultores fiscais que dava a sensação de que as pessoas não faziam mais nada. Até as casas das repúblicas universitárias pareciam pitorescas

e inofensivas, à sombra de velhos olmos. O dinheiro de Fullerton não vinha da indústria. Vinha da sua ligação ao ensino, e as faculdades eram motivo suficiente para manter as rendas altas e os dólares a fluir. O Mark fazia parte de tudo aquilo. Era um espanta-espíritos em forma humana, pendurado ridiculamente na gloriosa árvore do ensino superior.

De início, aquilo fez-me sentir que a dinâmica de poder pendia em meu favor. O facto de ser professor não me cegou para as suas fraquezas. Interiorizei por completo o ridículo das suas calças (verdes! bombazina!), dos seus sapatos (*Birkenstocks!*), do exemplar de *Beowulf* que espreitava do seu saco a tiracolo (saco a tiracolo!).

Mas era quase como se eu fosse uma personagem de um livro para ele. Não conseguia esquecer o Cocas tatuado na minha anca.

— Porquê o Cocas? — perguntou ele, quando dormimos juntos pela primeira vez, passando a ponta do dedo sobre o pequeno corpo verde.

Encolhi os ombros.

— Queria fazer uma tatuagem. Tudo o resto eram, tipo, facas ou cobras ou coisas sérias, e eu não sou uma pessoa séria.

— Que tipo de pessoa és?

Pensei no assunto.

— Uma pessoa foleira.

— Foleira! — gritou ele.

— Sim, foleira — disse eu. — Tipo, acreditei no Pai Natal até aos 12 anos. Sei lá, sou foleira!

— És a pessoa mais singular que alguma vez conheci — retorquiu ele, maravilhado.

Era parte do motivo para evitar contar-lhe sobre o meu pai. Há pessoas que veneram a luta livre profissional e pessoas que a desprezam, e eu receava que o Mark fosse do género de venerar aquilo que desprezava. Sabia que a minha linhagem de atração de feira seria um fetiche instantâneo para ele.

Quanto mais falsas as coisas parecem, mais nos intrigam... Era isso o que o Mark adorava nos pontos de vista: as formas como eram

obviamente falsos ou se esforçavam tanto para serem reais, o que, estranhamente, era outra forma de mostrar como eram falsos. «A forma como olhamos para uma coisa muda o que vemos», dizia ele.

É VERDADE QUE ESCREVER na terceira pessoa me ajuda. É bem mais fácil simpatizar com a Margo que existia na altura do que tentar explicar como e porque fiz as coisas que fiz.

O QUE O PAI do Bodhi tinha de absolutamente confuso era o facto de, claro, eu só ter dormido com ele porque ele tinha o poder, claro que tinha sido por ser o meu professor de Inglês, a minha disciplina preferida. E, apesar disso, uma grande parte do que me movia era a forma como ele insistia que era eu quem detinha o poder. Mas qual de nós o tinha realmente? Costumava passar muito tempo a pensar nisto.

Além de me engravidar e de me dar cabo da vida, o Mark ajudou-me muito com a escrita. Reviu comigo todas as frases dos meus trabalhos, abordando cada uma delas e a forma como poderiam ser melhoradas. Dava-me A nos trabalhos e depois exigia que, mesmo assim, eu os rescrevesse. «O que tu és», dizia ele, «é demasiado importante para não ser polido.» Indicava uma frase que eu tinha escrito e perguntava: «O que estavas a tentar dizer aqui?» E eu dizia-lhe, a gaguejar, qual tinha sido a intenção, e ele respondia: «Diz logo isso. Não te ponhas com rodeios.»

Só depois de ele me ter ajudado assim durante várias semanas é que o caso começou. Um dia, estava combinado eu ir ao gabinete dele. Quando lá cheguei, disse-me que não se conseguia concentrar, se podíamos encontrar-nos noutra dia, e eu respondi-lhe que sim. Mas acabámos por sair do edifício ao mesmo tempo, o que se transformou num passeio a pé, e ele desabafou sobre tudo, sobre todas as suas frustrações com o departamento, a mulher e os filhos, e sobre como se sentia encurralado pela sua vida.

— E nem sequer mereço a minha vida de merda — disse ele.  
— Sou uma pessoa horrível.

— Não é — retorqui. — É um professor fantástico! Passa todo este tempo comigo, a ajudar-me.

— E, cada segundo desse tempo, queria desesperadamente beijar-te.

Não soube o que responder àquilo. Quer dizer, de certa forma, tinha uma paixoneta colegial por ele, mas nunca tinha pensado em beijá-lo. Sentia-me, simplesmente, radiante e bem sempre que ele me elogiava.

Estava a chover e tínhamos andado a caminhar em círculos à volta do *campus*. Não tínhamos guarda-chuvas, mas vestíamos os dois casacos com capuz. Parámos por baixo de um enorme eucalipto.

— Posso beijar-te? — perguntou ele.

Assenti com a cabeça. Quer dizer, literalmente não me conseguia imaginar a dizer não. Teria feito tudo o que ele pedisse. Era um homem baixo, talvez tivesse um metro e sessenta e cinco, a minha altura, e eu nunca tinha beijado um rapaz tão baixo antes, e até foi agradável, com os nossos capuzes erguidos à chuva. Mas até eu pensei: *Estamos a beijar-nos às claras no campus? Parece-me uma péssima ideia.*

A questão era que, quando tudo acabou entre nós, ele comportara-se de forma tão infantil e eu tivera de assumir tanta responsabilidade pelo que tínhamos feito que não senti realmente que ele se tinha aproveitado de mim. Senti-me... irritada. Se ele tivesse agido realmente como um adulto, nada daquilo teria acontecido.

QUANDO MARK FOI a casa de Margo pela primeira vez, trazia um boné de basebol e óculos de sol, como se estivesse a tentar esquivar-se aos *paparazzi*. Margo não tinha limpado ou arrumado a casa para aquela visita, não se sentiu envergonhada por Mark ver o sofá de veludo cor-de-rosa manchado, a barafunda de cabos pendurados da televisão. A sua própria cama, que era só um colchão e um estrado

de molas no chão. Nada disso a incomodou. Ele tinha vindo ali para foder uma rapariga de 19 anos. O que esperava ele?

— Tens companheiras de casa — foi o que disse.

— Eu disse-te que tinha companheiras de casa — respondeu ela.

— Não pensei que estivessem em casa.

— Isso é cerveja? — perguntou Suzie.

Mark segurava, de facto, um *pack* de seis garrafas de cervejas de aspeto estranhamente medicinal. *Red Stripe*. Era um tipo de cerveja que Margo nunca tinha visto. Decididamente, não a tinham lá no trabalho. Ele continuava com os óculos de sol dentro de casa.

— Tira isso — disse Margo, e tentou arrancar-lhos da cara.

Ele afastou-a.

— São graduados.

— Paga ao *troll* — disse Suzie, erguendo a mão para receber uma cerveja.

— O quê?

— Dá-lhe uma cerveja — explicou Margo, rindo-se dele. Mark apertava as garrafas contra o peito, como uma criança que não queria partilhar.

— Que idade tens? — perguntou ele a Suzie. — Bolas, Margo, eu não queria...

— Idade suficiente para contar ao reitor. Agora paga ao *troll* — rosnou Suzie.

— Isto foi um erro tão grande — disse Mark.

— Toma — interveio Margo, e tirou uma cerveja do *pack*, pondo-a na mão expectante de Suzie.

— O *troll* está muito satisfeito — disse Suzie.

— Vamos para o meu quarto — sugeriu Margo.

Mark seguiu-a pelo corredor até à porta dela, passando pelos quartos das outras companheiras de casa: Kat, a Maior, e Kat, a Mais Pequena.

— Bem-vindo ao sítio onde a magia acontece — disse ela, segurando-lhe a porta.

\*

APESAR DE NÃO se sentir verdadeiramente atraída por Mark, o sexo era surpreendentemente agradável. Já tinha feito sexo com dois outros rapazes: um, o seu namorado do secundário, Sebastian, que tinha um cão que era o máximo, um arraçado de pastor alemão chamado *Remmy*, cuja cabeça cheirava vagamente a amendoim e que, garantidamente, ela amava muito mais do que Sebastian. E o outro, um rapaz que tinha conhecido na orientação, na primeira semana de faculdade, e que nunca mais lhe falou. Na cama, Mark era diferente de qualquer um deles. Não era circuncidado, uma situação que a deixava curiosa, e nunca chegou a explorar a elasticidade da pele do pénis dele de forma satisfatória. Mas também era muito fofinho, com um F maiúsculo. A primeira vez que fizeram sexo foi de pé, com Margo encostada a uma parede. Parecia pouco prático e desconfortável, mas ela supôs que fazia parte de alguma fantasia que ele tinha. Não conseguia ver um motivo para fazer sexo contra uma parede, além de uma fantasia.

Quando acabou, Mark sentou-se na cadeira da secretária dela e fê-la girar. Ela foi à casa de banho para fazer chichi e garantir que não apanharia uma infeção urinária e, quando voltou, ele estava a remexer nas gavetas da secretária.

— Que estás a fazer? — perguntou ela.

— Andas por aí assim em roupa interior? — comentou ele, erguendo o olhar.

— São raparigas — respondeu ela. — Porque é que estás a vasculhar a minha secretária?

— Estou só curioso.

Margo teria ficado chateada se houvesse alguma coisa interessante nas suas gavetas. Se ele queria examinar a sua calculadora gráfica com o ecrã rachado, à vontade. Nunca encontraria os seus segredos. Não tinha nenhum, na verdade. Ou, se tivesse, eram internos, de alguma forma, segredos até para si própria. Por exemplo, ela não gostava dele, não a sério, e o segredo do seu desdém era como uma promessa dobrada numa gaveta dentro dela, à espera.

— A tua mulher sabe que fazes isto? — perguntou.

— Hum, não — disse ele, e girou mais uma vez na cadeira da secretária.

— Mas já fizeste isto antes?

— Com uma aluna? Não.

— Com outras mulheres?

Ele parou de girar, parecendo pensar na resposta. Abriu uma das estranhas cervejas que tinha trazido. Usou o bordo da secretária para arrancar a carga, e Margo ficou espantada com a rudeza do gesto.

— Nunca contei a ninguém — disse ele.

— O quê? — perguntou ela, deitando-se na cama, consciente de que, mesmo naquele momento, tentava parecer gira em roupa interior, com a anca um pouco inclinada enquanto se recostava nas almofadas. Do corredor, ouvia-se uma das companheiras de casa a vomitar. Provavelmente Kat, a Mais Pequena, que era muito vomitadora. As coisas entravam e saíam dela com uma facilidade que Margo não conseguia conceber.

— Dormi com a irmã da minha mulher na nossa noite de núpcias. Margo abriu a boca de espanto.

— Meu Deus, és má pessoa!

Ele assentiu com a cabeça, de testa franzida.

— Sou mesmo.

— Mas depois deixaste de dormir com a irmã dela.

— Sim. Quer dizer, houve mais algumas vezes depois de voltarmos para casa da nossa lua de mel, mas, depois disso, parámos, sim.

— Sentiste-te culpado? — perguntou ela. Sabia que era difícil perceber o que os homens sentiam. Sempre se tinha questionado sobre como o pai podia ser tão completamente imune à necessidade que ela tinha dele, como podia ter feito as malas e já não estar lá quando ela acordou de manhã, sem se ter despedido. Quando era criança, presumia que o pai era diferente com os seus filhos verdadeiros, mas, à medida que foi crescendo e o foi conhecendo melhor, percebeu que também era assim com a mulher e os filhos. Era a vida da luta livre. Sempre a entrar num avião. Era lá que queria estar: enfiado num carro alugado com dois homens que pesavam mais



de cento e trinta quilos, que eram violentos a um nível psicótico e viciados em analgésicos. O mundo normal talvez nunca tivesse sido totalmente real para ele.

— Isto vai parecer tão marado, mas não é assim tanto — disse Mark. — Fingia, simplesmente, que nunca o tinha feito. E como ela não sabia que eu o tinha feito, era como se não tivesse acontecido.

MARK ESCREVA-LHE POESIA. No total, quase uma dúzia de poemas, mas o preferido de Margo era este:

### O FANTASMA FAMINTO

*Na escuridão, viramo-nos um para o outro  
Como pombas deformadas,  
Confusos por termos corpos.*

*Não sinto nada,  
Continua a tocar-me,  
Não sinto nada.  
Sou um fantasma faminto.*

*Tentamos comer-nos um ao outro  
Mas é como tentar correr num sonho,  
O gelo escuro da realidade a estilhaçar-se à nossa volta.*

## CAPÍTULO DOIS

**O** Mark tinha dois filhos, uma menina de 4 anos chamada Hailey e um menino de 7 anos chamado Max, mas quase nunca falava deles.

E muito menos falava da mulher. Só queria falar de poesia, escrita e livros. Levava-me à Barnes & Noble.

— Já leste Jack Gilbert? Não? Pronto, tens de o fazer, é obrigatório. — E acrescentava mais e mais livros à pilha. Depois, levava-me a jantar fora. Na altura, não me ocorreu pensar como conseguia ele pagar tudo aquilo com o salário de professor de uma *junior college*.

Adorava marisco. Estava sempre a pedir pratos que me enchiam de um vago pavor. Polvo chamuscado ou mexilhões que se pareciam muito com o clitóris de um cadáver enfiado dentro de uma concha, e eu engolia aquelas coisas com a expressão preocupada de um cão a quem tinham dado uma cenoura. Depois, contava-me um sonho estranho que tinha tido, em que era uma rapariga no Japão da Era Meiji.

SÓ DORMIRAM JUNTOS cinco vezes. Depois da quinta vez, Mark explicou que o sexo o fazia sentir-se extremamente culpado em relação à sua mulher e que deviam parar. Estavam em casa de Margo, ainda nus na cama de casal, quando lhe disse isso.

— Mas quero continuar a ver-te — acrescentou ele.

— Porquê? — perguntou ela. Na verdade, ainda se sentia intrigada com o que ele teria esperado sentir em relação à mulher por dormir com ela, senão culpa.

— Bom, porque gosto de ti. Por favor, não acabes com isto por irmos deixar de dormir juntos.

Margo inclinou a cabeça. Não lhe tinha ocorrido que podia acabar com aquilo. Tudo naquela relação parecera ser a cena dele. Tinha-o deixado orientar tudo. Mas a ideia de sair com aquele homem de meia-idade sem o sexo... Seria só como ter um *amigo* mais velho e cromo?

— Bem — respondeu —, deixa-me ver se percebi. Então, queres que continuemos a ir jantar fora?

— Sim — disse ele.

— E os *e-mails*?

— Claro que podemos enviar *e-mails*. Os *e-mails* são, tipo, a parte mais importante. Podemos enviar *e-mails* durante o resto das nossas vidas.

Pareceu óbvio a Margo que não o fariam.

— Mas a tua mulher não se importaria mais com os poemas de amor do que com o sexo? Por exemplo, se eu fosse mulher de alguém e ele dormisse com outra pessoa, eu conseguiria ultrapassar isso. Seriam as coisas de amor que me afetariam. Tipo, não devias dizer-me que me amas.

— Mas eu amo-te.

Margo não soube o que dizer. Tinha uma bolha no polegar por ter agarrado num prato quente no trabalho. A culpa era sua por ter deixado o prato a aquecer demasiado tempo, mas a nova anfitriã tinha ocupado três mesas na secção dela. Não parava de pressionar a bolha, sentindo a tensão do líquido por baixo da pele. Também estava quase a chumbar a Francês. Devia estar a estudar.

— Não estou disposto a mentir sobre o facto de te amar. Se não consigo ser honesto comigo mesmo, estou acabado.

— Vou fazer chichi — disse ela. — Queres um copo de água?

— Sim, por favor — respondeu ele, com os cobertores puxados até ao queixo. Depois, acrescentou com uma voz de velhinha: — Tenho tanta sede, Margo. — Fazia aquilo muitas vezes. Fingir que era uma velhinha.

— Está bem, avó — disse ela, enfiando umas cuecas lavadas e cambaleando para o corredor.

MARGO CALCULOU QUE o mais provável seria que Mark não estivesse a falar a sério sobre deixarem de fazer sexo. Que, na verdade, ele iria fazer um jogo em que dizia que não iria dormir mais com ela, mas depois iria ceder e dormir com ela, verbalizando a sua culpa e jurando não o voltar a fazer, e assim por diante. Acabou por não ser esse o caso. Mark não voltou a dormir com ela. E continuou a levá-la a jantares elegantes, a escrever-lhe poemas de amor e a não se sentir incomodado. Era incrivelmente irritante. Mas Margo estava bastante segura de que ele acabaria por ceder.

Foi nessa situação algo estável que descobriu que estava grávida. Nem sequer tinha percebido que estava com um atraso. Uma noite, quando estava a trabalhar, não parava de ter vômitos de Taco Bell e de os engolir à força, e Tracy, a sua colega de trabalho preferida, disse:

— Talvez estejas grávida! — Mas parecia tão mais provável que fosse apenas o seu corpo a revoltar-se contra o Taco Bell.

Porém, o seu corpo continuou a revoltar-se, contra o *cheesecake* no fim do turno, depois contra o iogurte na manhã seguinte. Bebeu um *Gatorade* azul, sangue frio e escuro dos deuses, e vomitou-o logo a seguir. Aquilo prolongou-se durante quarenta e oito horas, até ceder e comprar um teste de gravidez. Não tinham usado preservativos. Mark tinha-o tirado sempre para fora. Era casado e dizia que era assim que ele e a mulher faziam e que nunca tinha corrido mal! Margo sentiu-se incrivelmente estúpida. Por ter acreditado nele, por ter tido um caso com ele, por ter um útero.

A primeira coisa que fez foi telefonar à mãe, e nem sequer conseguiu que as palavras lhe saíssem. Só chorava.

— Estás grávida? — perguntou a mãe.  
— Sim — respondeu ela, com um grito misturado com choro.  
— Bolas!  
— Desculpa — disse Margo. — A sério.  
Depois, a mãe levou-a a comer *donuts*.  
Margo comeu-os e não vomitou.

QUANDO CONTEI AO MARK, estávamos num restaurante e tinha pedido uma salada com figos frescos, o que me fez pensar porque é que toda a gente fingia gostar de figos frescos, naquela vasta conspiração para fingir que os figos eram bons.

Fosse como fosse, contei ao Mark que estava grávida e ele disse:

— Foda-se.

E eu respondi:

— Pois.

— Tens a certeza?

— Hum, sim — disse-lhe.

— Já foste ao médico?

— Ainda não.

— Então, pode ser só um atraso.

— Bom, fiz uns quatro testes de gravidez, por isso acho que não, mas sim, suponho que seja possível.

O Mark bebeu um gole da sua cerveja.

— Não consigo evitar sentir-me um pouco emocionado. A minha semente é forte! — gritou, numa espécie de sotaque alemão ou viquingue.

Ri-me. As minhas mãos transpiravam profusamente. Parecia que todo o restaurante se movia, como se estivéssemos num barco, com os talheres de cabo pesado a deslizarem ligeiramente sobre as toalhas brancas nas mesas.

— Desculpa — disse ele. — Sei que é sério. Quero estar presente para te apoiar de todas as formas possíveis. Financeiramente, claro, mas se quiseres que te leve à consulta ou alguma coisa assim... A asneira também é minha e aceito totalmente a responsabilidade.

— Como é que faço uma marcação? — perguntei.

— Bom, eu começaria por ligar para o Planeamento Familiar — disse ele. — Mas, tipo, não sei se os médicos particulares fazem isto ou se é melhor... Tipo, não quero que faças um aborto barato.

Não tinha percebido que ele já havia decidido que eu ia fazer um aborto. Mas claro que sim. Decidiria da mesma forma que decidi que deixaríamos de dormir juntos (apesar de, claro, curtir no carro dele ser aceitável), da mesma forma que decidira que teríamos um caso. Eu nunca lhe tinha dito que não, nem uma única vez. Íamos para onde ele queria, quando ele queria, comíamos o que ele queria, tocávamo-nos ou não nos tocávamos conforme ele queria. E, sinceramente, acho que só disse isto para o chatear:

— Oh, não vou fazer um aborto.

Ele ficou verde quase instantaneamente. Foi profundamente gratificante.

— Porquê? És católica? — perguntou num tom de voz muito mais desagradável do que costumava usar comigo.

— Não, mas a escolha é minha — disse eu.

— Não achas que eu devia ter direito a uma opinião? — perguntou.

— Não — respondi.

Levantei-me, cobri a minha salada de figos nojenta com o guardanapo e saí. Quando cheguei à porta do restaurante, senti o cheiro do mar e houve um momento estranho em que me senti como se fosse a minha mãe, a andar com altivez pelo passeio, como se as minhas pernas estivessem enfiadas naqueles *collants* pretos transparentes, como se pudesse passar a ser outra pessoa. A seguir, tropecei no passeio, a sensação desapareceu e era apenas a idiota que tinha estacionado demasiado longe.

E gostava muito, muito que a parte seguinte não tivesse acontecido, mas é verdade que ele correu atrás de mim e acabámos a curtir no carro dele e eu admiti que provavelmente faria um aborto, só não queria ser forçada, e ele disse:

— Não te podia forçar a fazer nada, Margo. És mais selvagem do que qualquer outra pessoa que conheço.

E eu gostei que ele me dissesse aquilo, embora as coisas que o Mark dizia sobre mim nunca parecessem ter realmente alguma relação comigo. Eram mais uma fantasia que ele tinha a meu respeito. Mas gostei de curtir no carro dele e despedimo-nos de forma amigável. Depois, o Mark não me contactou durante três dias, um silêncio inaudito. Não parava de verificar o meu telefone, de verificar o meu *e-mail*. Mandeí-lhe uma mensagem: Oi, estás bem? (Escrevia sempre *estás* com ele, por respeito para com os seus pruridos de geração X e também porque ele era o meu professor de Inglês, por amor de Deus). Não respondeu.

E percebi que algo de mau tinha acontecido, que os sentimentos dele tinham mudado. Normalmente, havia um cordão de ligação entre nós que eu podia puxar para o sentir na outra ponta. De repente, tive a horrível sensação de que fora cortado e tinha agora um cordão que não levava a lado nenhum, que estava apenas a fluir no espaço.

A seguir veio o *e-mail*, longo e atabalhado, a explicar que ele achava que era melhor não termos mais contacto, o que era bastante fácil porque o semestre acabara e eu já não estava na turma dele. Lamentava tudo o que me tinha feito passar, mas achava que eu estava a desperdiçar a minha vida e não podia tolerar isso. Podias ir para qualquer lugar, podias fazer qualquer coisa, escreveu ele. Não desperdices tudo para teres um bebé. Acredita em mim desta vez, Margo. Sou mais velho do que tu. Os meus filhos já foram bebés. São difíceis. Não queres ter bebés.

Era confuso o facto de ele estar sempre a tentar enquadrar a decisão em termos do que eu queria. Para mim, *querer* e *dever* eram duas coisas muito diferentes. De facto, querer alguma coisa costumava ser um sinal de não a merecer e de que não a teria. Por exemplo: mudar-me para Nova Iorque e ir para uma faculdade janota como a NYU. Por outro lado, quanto menos se queria fazer alguma coisa, mais provável era que se devesse fazê-la, como ir ao dentista ou pagar os impostos. Acima de tudo, o que eu queria era tomar a decisão certa e, no entanto, ninguém estava disposto a lidar comigo nesses termos.

\*

A MELHOR AMIGA de Margo da escola secundária tinha entrado na NYU e tinha-se mudado para Nova Iorque, e a dor daquilo, de Becca viver a vida que ambas queriam e Margo ser uma empregada de mesa a estudar numa *junior college*... a noção implícita de que aquilo se devia ao facto de os pais de Becca terem dinheiro e a mãe de Margo não... foi demasiado intensa e as raparigas tinham deixado de se falar. Mas Margo ligou-lhe e Becca atendeu ao primeiro toque.

Margo resumiu-lhe o que tinha acontecido.

— Então? Que achas?

— Foda-se, faz um aborto! — disse Becca.

— Mas, tipo... — Margo conseguia ouvir as sirenes e o barulho da cidade em pano de fundo.

— Nada de «mas, tipo». Isto não é uma situação de «mas, tipo»! É uma emergência!

Margo não sentia que fosse uma emergência.

— Acreditas que as coisas acontecem por um motivo? — perguntou Margo. — Tipo, acreditas que está tudo predeterminado ou acreditas no livre-arbítrio?

— Margo, isto não é uma questão filosófica. É uma decisão financeira.

— Mas parece-me tramado tomar uma decisão importante com base numa coisa tão estúpida e fictícia como o dinheiro.

— Garanto-te que o dinheiro é muito real — disse Becca.

Margo estava sentada no seu quarto a olhar para a pilha de roupa que transbordava do armário, como se as suas roupas tentassem ras-tejar para longe.

— Só acho — prosseguiu Becca — que talvez ser mãe solteira não seja tão glamoroso como pensas.

Margo irritou-se.

— Becca, eu é que fui criada por uma mãe solteira, e de glamoroso não tem nada. Não estou a dizer que ficaria com o bebé porque



seria divertido ou fácil. Estou a dizer que acho que ficar com o bebé poderá ser o que uma boa pessoa faria.

— Então, fazer um aborto faz de ti uma má pessoa?

— Bom, não — disse Margo. Apesar de, de certa forma, não ser mais ou menos isso o que toda a gente insinuava? Não era suposto fazer-se um aborto só por ser mais conveniente. Era suposto ficar-se completamente destroçada.

— Então, diz-me outra vez de que forma ficar com o bebé te tornaria uma boa pessoa?

— Não sei! Não digo que o faria! — Margo passou as unhas pelo couro cabeludo.

— Disseste literalmente que estavas a pensar ficar com o bebé por achares que seria o que uma boa pessoa faria.

— Então, talvez não fosse isso o que queria realmente dizer.

— E desde quando é que te importa seres uma boa pessoa? Quer dizer, andavas a foder o marido de alguém.

— Eu sei — disse Margo. Mas não sabia. Sempre soubera que Mark era uma pessoa horrível, mas não tinha percebido, até àquele momento, que também ela era horrível. — Mas... o que é que eu ando a fazer com a minha vida? Ando numa *junior college*... a fingir que vou pedir transferência... Percebes pelo menos que é impossível entrar numa faculdade da Universidade da Califórnia? E, mesmo que conseguisse, ia-me formar em quê? Inglês? É impossível arranjar emprego com um diploma em Inglês e nem sequer me ocorre outra coisa que possa estudar! Então, o que faço? Trabalho como empregada de mesa? Arranjo um emprego no Bloomingdale's como a minha mãe? Nada disso faz sentido nenhum. Isto, pelo menos, seria alguma coisa.

— Há muitas coisas fixes que podias fazer, Margo. Podias dedicar-te à viticultura e começar a produzir vinho ou assim.

Margo pensou imediatamente na negociante de vinhos com que o seu restaurante trabalhava, piroso, pretensiosa, com uvas tatuadas no peito, mesmo no decote, umas uvas enormes e feias de desenho animado. E Margo soube que, se falassem sobre o que Becca

devia fazer com a sua vida, a viticultura nem sequer seria uma possibilidade.

— Estou só a dizer que isto é importante! — respondeu Margo.  
— Não achas que devia, pelo menos, pensar no assunto? Porque tentas dar a entender que não é importante?

— Desculpa — disse Becca. — Não sei porque é que estou a ser tão cabra. É uma coisa importante, é uma coisa muito importante.

Aquilo não era satisfatório e Margo não conseguia perceber exatamente porquê.

— Como vai a faculdade? — perguntou. E falaram sobre isso durante algum tempo. Quando desligaram, Margo chorou durante vinte minutos e a seguir foi trabalhar.

ENQUANTO ISSO, o tempo continuava a passar e, de alguma forma, era terça-feira e Margo ia à sua primeira consulta. Começou por ligar para o Planeamento Familiar, mas eles não faziam ecografias para confirmar a gravidez até às oito semanas. A matemática da gravidez era cruel. No momento em que se descobria que se estava grávida, já se estava de quatro semanas. Esperar mais quatro semanas para saber se estava grávida ou não parecia absurdo, por isso telefonou para todo o lado até encontrar um obstetra que estivesse disposto a vê-la às seis semanas.

Foi exatamente como todas as outras vezes que tinha ido ao médico. Não sabia bem porque isso a surpreendia. Talvez pensasse que seriam mais simpáticos consigo. O médico era um homem branco de meia-idade, anafado e com a cabeça rapada.

— Então, não sabe a data da sua última menstruação?

— Não, eu não guardo... registos.

— Tudo bem, não se preocupe, já vamos ver isso. — Parecia o tipo de homem que era um ótimo marido, mas cuja mulher o traía, ainda assim. — Vou sair do quarto. A enfermeira vai trazer-lhe uma bata. Vista-a, sem roupa interior.

Margo assentiu com a cabeça.

— Isto é um *doppler* transvaginal — disse ele. — Já alguma vez fez um exame destes?

— Não.

— Bem, quando o feto tem este tamanho, não se consegue ver bem através da barriga, por isso temos de espreitar por dentro.

Margo olhou para o *dildo* futurista ligado à máquina de ecografias. Percebeu a ideia. Não tinha imaginado que fosse assim de todo.

Depois de o médico ter saído da sala, e enquanto vestia a bata que a enfermeira lhe tinha trazido, agradeceu silenciosamente a Deus por Mark não ter vindo assistir a tal coisa. Já seria suficientemente estranho se a mãe dela tivesse vindo, mas Shyanne estava a trabalhar.

Então, chegou o momento de ser fodida por um robô para conhecer o seu filho por nascer.

— Pronto — disse o médico —, o gel está aquecido, por isso não deve ser muito mau.

Começou a introduzir o *dildo* gigante. Não doeu. Era apenas estranho como o raio.

Estava mesmo a escarafunchar lá dentro, a tentar ver alguma coisa, talvez na coluna vertebral dela.

— Pronto! — disse ele, girando um botão da máquina e, de repente, ouviu-se um som, um *whoosh*, *whoosh*, *whoosh* baixinho e rápido. — Isto é o batimento cardíaco.

— É? — Parecia o barulho de um brinquedo mecânico. Margo não sabia porque estava a chorar. Era um som completamente avassalador.

O médico continuava a mexer a varinha, a captar imagens, a clicar no rato do computador com a outra mão. Era realmente impressionante a sua ambidestria.

— Estou a tirar medidas para podermos ter uma ideia da idade do... hum... feto.

Margo reparou que ele evitara usar a palavra *bebé*. Achou que era simpático da parte dele e isso fê-la começar a chorar outra vez.

— Muito bem — disse ele. — Portanto, eu diria, com base nas medidas, e estas são bastante precisas especialmente tão cedo, que está de cerca de oito semanas.

Não que aquilo não fosse possível, mas Margo não estava preparada, só isso. Grávida de oito semanas parecia muito grávida.

O médico retirou a varinha, puxou a espécie de preservativo de plástico, depois carregou num botão da máquina e a impressora começou a funcionar.

— Oh, devia ter perguntado... Quer cópias das imagens?

— Sim — respondeu ela, embora dizer aquilo a tivesse feito tossir porque estava a chorar tanto e a tentar manter-se relativamente silenciosa.

— Sabe... o que quer fazer em relação à gravidez?

— Não — disse ela e fechou os olhos.

— Vou deixá-la limpar-se e depois podemos falar mais sobre as suas opções — disse ele.

Quando o médico saiu, Margo olhou para as imagens, que ainda pendiam da máquina na sua tira de papel fina e brilhante. E ali estava ele. O seu bebé, que parecia uma pomba minúscula e deformada.

## CAPÍTULO TRÊS

**D**epois da consulta, fui até à casa da minha mãe.

— Olá, Noodle — disse ela.

— Afinal, estou grávida de oito semanas — anunciei enquanto me deitava no sofá. A minha mãe fitou-me durante muito tempo.

— Queres ficar com este bebé, não queres? — perguntou ela.

— Não sei — respondi-lhe.

Ela foi para a cozinha. Ouvei o estalido e o silvo quando abriu uma cerveja. Voltou para a sala.

— Gosto das tuas unhas — comentei. Eram novas. De uma espécie de amarelo radioativo.

— Se ficares com este bebé — disse ela —, não vou tomar conta dele. O bebé será teu.

— Eu sei — respondi, genuinamente perplexa. Nunca daria o bebé à minha mãe.

— Raios partam — exclamou ela, andando de um lado para o outro à frente da televisão com a cerveja.

— Mãe, está tudo bem — disse eu. — Hei de encontrar uma solução.

— É só que... Pensei que me tinha saído tão bem! Estavas na faculdade! Ias ser alguém!

— Quem é que eu ia ser? — perguntei. Surgiu-me uma imagem súbita da minha mãe a pressionar a sua ideia de quem eu era sobre o meu verdadeiro eu, como se fosse uma unha de acrílico, uma grande máscara de uma cara sobre a minha verdadeira cara.

— Sabes o que quero dizer. Ias ter uma carreira e, sei lá, fazer coisas!

— Que coisas?

— Não sei — disse a Shyanne. — O que tu quisesses!

Fiquei em silêncio. O Mark, a Becca, a minha mãe... não paravam de insistir que eu tinha todas aquelas opções, e eu nunca consegui perceber que opções eram essas. No secundário, tive exatamente duas reuniões com o meu orientador, o professor Ricci. Na primeira vez, disse-me que me podia candidatar a bolsas de estudo e ajuda financeira, e deu-me um monte de formulários para preencher. Na segunda vez, parecia não se lembrar de mim e disse que a minha única esperança era uma transferência para uma faculdade da UC. Inscrevi-me na Fullerton College, mas, durante todo o primeiro ano, não consegui entrar numa única cadeira de que precisava para conseguir créditos de transferência. Todas ficaram cheias quase instantaneamente. Por isso, fiz um ano inteiro basicamente com créditos de Humanidades que nunca me valeriam uma transferência para lado nenhum. Toda a gente me dizia que eu ia perder tanto por ter este bebé, mas não me parecia que estivesse a perder nada.

— Tenho medo de contar ao Kenny — disse a Shyanne, recomeçando a andar para trás e para a frente.

— Por que raio terias medo de contar ao Kenny?

— Ele é religioso! — sibilou ela. Havia algo de muito velociraptor na forma como ela andava de um lado para o outro.

— Então... ele não devia ficar feliz por eu não ter feito um aborto?

— Não, ficaria chocado por teres andado a prostituir-te, para começar! Mãe adolescente? Quer dizer, Margo, nunca lhe diríamos se tivesses feito um aborto!

— Tenho de ser sincera, mãe. Não consigo preocupar-me com o que o Kenny pensa de mim. Além disso, quando o bebé nascer, já terei 20 anos.

— Ele pode vir a ser o teu padrasto!

Achava aquilo improvável, embora me parecesse cruel dizê-lo.

— O Kenny é ótimo — continuou ela. — O Kenny é fantástico.

— Está bem — assenti. — Sim.

— Vai correr tudo bem — disse ela. — Vou só sugerir que o Mark se aproveitou de ti. A culpa não foi realmente tua.

Não tencionava levantar-me, mas levantei-me e, depois, não soube o que fazer quando fiquei de pé.

— O Mark não se aproveitou de mim — retorqui. — Não foi nada disso.

— Claro que pensas isso. Não o terias feito se sentisses que ele se estava a aproveitar. Mas é um homem adulto, querida. Há coisas que só vais perceber quando fores mais velha.

Estava tão irritada que me doía a sola dos pés e também tinha muita vontade de fazer chichi, por isso fui à casa de banho. A minha mãe tinha um grande póster da Torre Eiffel na casa de banho e pequenos sabonetes franceses. Toda a divisão estava decorada com o tema de Paris. Pensei em como aquilo parecia estúpido e em como ela era irritante, enquanto lavava as mãos com o sabonete pequeno, com força e frenética, como se estivesse a descascar batatas, e depois percebi que ela provavelmente queria desesperadamente ir a Paris e provavelmente nunca iria. Olhei-me ao espelho e, de repente, vi como era parecida com ela, uma Shyanne de imitação, com os olhos um pouco afastados demais. Ambas tínhamos caras estúpidas, bonitas e doces. Caras que pareciam implicar que não havia nada dentro de nós.

Quando voltei à sala, ela estava recostada no sofá numa posição sentada, como se alguém lhe tivesse tirado o ar. Deitei-me de modo que a minha cabeça ficasse no seu colo.

— Quando engravidei de ti — disse ela, acariciando-me o cabelo —, tive tanto medo.

— Porque é que ficaste comigo? — perguntei. Nunca me fizera sentido. Tinha sido uma queca de ocasião. Ela mal conhecia o meu pai. Tinham-se conhecido no Hooters, onde ela trabalhava. Nem sequer sabia o nome verdadeiro dele, apenas o seu nome de ringue, Jinx. Porque, no seu primeiro combate, o seu adversário caiu morto antes mesmo de ele lhe tocar.<sup>2</sup>

— Não sabia que ele era casado — disse ela. — Não usava aliança... nenhum deles usava. Se usassem, podiam ficar sem o dedo, mas eu não sabia disso na altura. Era tudo muito intenso entre nós e pensei que talvez... Não sei. Talvez, percebes? Parecia-me que era o meu destino, como se ele fosse O Tal.

A ternura da sua esperança e a natureza óbvia da sua ingenuidade eram demasiado. Apressei-me a continuar.

— Como era o pai nesse tempo? É tão sério agora que me custa imaginar. Até a ideia de ele estar bêbedo.

— Oh, acredita que o teu pai conseguia beber como os melhores. Não sei. Tinha aqueles olhos escuros e brilhantes. E tomava tantos esteroides que tinha uns trapézios enormes. E não se bronzeava. Era tão pálido e grande que parecia um touro, branco como leite.

— Mãe, eu estava a perguntar sobre a personalidade dele!

— Já ia lá chegar! Era um cavalheiro. Provavelmente por ser canadiano. Era sempre gentil, mas era um vilão no ringue, por isso não se esperava que ele fosse assim. Era um ouvinte, gostava de se sentar e deixar as outras pessoas falar.

— Estou a ver — disse eu.

Nunca tinha conhecido o meu pai como lutador. Na altura em que comecei a criar memórias, ele já tinha feito uma hérnia em dois discos da coluna, no Japão, e começou a agenciar o Murder e o Mayhem. Era o seu agente no sentido prático de marcar os seus combates. Eram dos raros lutadores por conta própria durante as *Monday Night Wars*. Mas também interpretou a personagem de agente deles na televisão, porque o Murder e o Mayhem não eram grandes oradores

---

<sup>2</sup> Em português, *jinx* significa «enguiço», «maldição» ou «mau agoiro». [N. T.]



e o Jinx era um génio com estratégias promocionais. Presumi que tinha deixado de usar esteroides depois de se lesionar porque perdeu muito peso, e, quanto mais velho ficava, mais magro parecia. Com um corpo tão largo, a sua magreza quase esquelética e a cabeça rapada, começou a parecer um gato sem pelo.

— Como é que vocês... Como é que lhe contaste? — Tinha passado surpreendentemente pouco tempo a imaginar tudo aquilo.

— Bem, uma noite, eles chegaram ao restaurante bêbedos, por volta da uma da manhã. Depois do meu turno, ele levou-me para o quarto de hotel e eu contei-lhe. Ficou muito contente. Foi estranho. Não parava de sorrir e de tocar na minha barriga. Nessa altura, disse-me que era casado e isso partiu-me o coração. Eu comecei a chorar e ele disse: «Estou muito feliz por te ter conhecido.» E percebi que também estava feliz por o ter conhecido. Por isso, contentámo-nos com o que tínhamos. Quando ele estava na cidade, víamo-nos. Sabia que ele tinha de guardar a maior parte do dinheiro para a mulher e para eles, sempre soube isso. Mas ele ajudava realmente quando podia, acredito que sim. Não acho que devas esperar que o Mark também seja assim. E provavelmente muitas pessoas diriam que eu fui parva por ter feito isso, mas, sabes... eu sempre o amei.

Já sabia isso. Era óbvio, incrivelmente óbvio. Sempre que ele vinha à cidade, ela mimava-o, oferecendo-se constantemente para lhe fazer uma sandes, para lhe trazer um copo de água. Conseguir a atenção dele era como entrar num *steel cage match*<sup>3</sup>, e eu perdia sempre. As poucas vezes em que ganhei, quando o Jinx focou em mim esse seu raio *laser* de amor, foram dolorosas de uma forma diferente. Num ano, ele tinha vindo à cidade para o meu aniversário e levou-me a uma *steakhouse*. Eu tinha 13 anos e não gostava mesmo nada de bifes, mas ele levou-me a jantar fora e, quando cheguei a casa, a Shyanne nem sequer foi má; ficou apenas destroçada.

---

<sup>3</sup> Tipo de espetáculo de *wrestling* no qual os lutadores se confrontam num ringue tapado por uma enorme jaula de aço. [N. T.]

Nessa viagem, ele ficou num hotel em vez de em nossa casa. Às vezes fazia isso, e eu nunca soube exatamente porquê ou o que significava.

— Escolheste ficar comigo — disse eu. Conseguia ouvir o ténue palpar do gás na cerveja dela.

— Escolhi. Mas houve outros momentos, mais tarde, em que fiz uma escolha diferente.

Fiquei em silêncio. Não sabia daquilo. Mas fazia sentido.

— Achas que as coisas acontecem por uma determinada razão? — perguntei.

— Não sei — disse ela —, mas acho que estás com medo de admitir que queres arruinar a tua vida.

— Achas que isto vai arruinar a minha vida? — perguntei.

Ela acariciou-me o cabelo.

— Sim, Noodle, vai arruinar a tua vida, de certeza. Ainda assim, às vezes, arruinar a nossa vida é tudo o que queremos.

Sabia que estava a referir-se à decisão de ficar comigo quando engravidou. À zona cinzenta em que ela e o Jinx tinham passado toda a vida, o sabor agridoce de se contentar com o marido de outra mulher. A forma como eu gritava e tagarelava quando ele entrava em nossa casa, implorando-lhe que me fizesse um *suplex* antes mesmo de ele pousar a mala, e como ela saía da cozinha, a limpar as mãos a um pano da louça, depois de ter estado a tentar cozinhar algum prato retro esquisito, um guisado de atum com passas, um rolo de carne coberto de *ketchup*. Ela irritava-se comigo e dizia-me para lhe dar espaço, oferecia-lhe uma cerveja enquanto eu me apressava a falar-lhe da escola. E, quando ele voltava a partir, alguns dias depois, a casa ficava silenciosa e não sabíamos exatamente como falar uma com a outra, como se tivéssemos vergonha de nós próprias e da forma como nos tínhamos comportado.

— Arruinei a tua vida — disse eu, e não era uma pergunta. Só queria que ela soubesse que eu sabia.

— Arruinaste a minha vida de uma forma tão bonita, Noodle...

Não disse nada. Limitei-me a ficar deitada no sofá com a cabeça no colo dela. Ela afagava-me o cabelo, arranhando-me a cabeça com as unhas de acrílico.

Mas também tínhamos rido as duas e comido pipocas, a sua caligrafia estranha em mensagens que deixava nos meus almoços da escola e que fingia terem sido escritas pelo gato. Os nossos braços a moverem-se em perfeita sincronia para dobrar um lençol. O dia em que fomos de carro até ao Grand Canyon, uma viagem de oito horas, e ficámos a contemplar a paisagem, comprámos *Sour Patch Kids* e voltámos para casa para que eu pudesse ir à escola no dia seguinte.

Se a Shyanne não tivesse ficado comigo, que teria ela tido?

— Marquei um aborto — anunciei. Ela não disse nada. — Mas acho que não consigo ir. Tipo, não me consigo imaginar a ir.

— Bom — respondeu ela —, vais ter de esperar até ao dia e depois decides se queres ir ou não.

— Está bem — disse eu, tentando não mostrar como me sentia entusiasmada por ela ter recuado na ideia de eu avançar mesmo com aquilo. Como se lhe estivesse a mentir, fingindo-me doente para não ir à escola.

Telefonei a cancelar o aborto mal saí de casa dela nesse dia. Não saberia dizer-vos porquê. Era uma má ideia. Não tinha bons motivos. E não foi porque quisesse ser uma boa pessoa, não verdadeiramente. Nem era porque estava apaixonada pelo Mark. Só queria aquele bebé. Queria-o mais do que alguma vez tinha querido alguma coisa.

Recortei a melhor das imagens da ecografia e coloquei-a na minha mesinha de cabeceira. Passava horas a olhar para ela. Era uma imagem tão inadequada e feia, tão frustrante na sua recusa em dar-me alguma coisa a que me pudesse agarrar, qualquer forma de imaginar quem iria ser aquele bebé. O meu corpo estava a fazer algo em segredo e eu estava reduzida a espiar os meus órgãos internos com aquelas fotografias granulosas a preto-e-branco. Mas aguentei-me, fiel, à espera.

QUANDO JÁ TINHAM passado as dezasseis semanas e o aborto já não era legalmente possível, Margo escreveu a Mark para lhe dizer que ia ficar com o bebé. Não queria que ele tivesse a oportunidade de

a dissuadir. Mark não respondeu. Margo esperava um sermão, um telefonema em pânico. Durante dias, esperou pela reação que, tinha a certeza, viria. Mesmo duas semanas depois do *e-mail*, esperava que ele fizesse alguma coisa, que a contactasse de alguma forma. Não o fez.

Assustava-a a que ponto isso a magoava. Ser ignorada. Que, talvez, tivesse pensado que ficar com o bebé o obrigaria a lidar com ela. Não achava que tivesse sido por isso que tinha tomado aquela decisão, mas também *não* podia dizer que não fosse. Não queria que Mark fizesse de marido, de papá... sabia isso. Se ele tivesse dito «Está bem, o meu casamento é uma farsa. Vou divorciar-me, casar contigo e criar o bebé», teria ficado horrorizada. Nem sequer estava interessada em vê-lo assim tão regularmente. Mas Mark tinha sido sempre claro numa coisa: que ela era importante. Que ela era espetacular. Mas, se realmente o fosse, ele tratá-la-ia assim?

QUANDO MARGO DISSE a Jinx que ia ficar com o bebé, ele mostrou-se muito descontraído.

— Estou ansioso por ser avô — disse ele, com a sua voz estranhamente calma, ao estilo do Mr. Rogers. Margo era a mais nova dos seus filhos, a primeira a ter um bebé, e isso não lhe passava despercebido.

— Se calhar, vai ser um rapaz e vai ser lutador — sugeriu Jinx.

Margo sentiu-se imediatamente mal por Mark ser tão baixo. Nem sequer tinha escolhido um tonto grande e forte para procriar. Em vez disso, tinha acasalado com um esquisitoide pequeno e imoral. Jinx preencheu elegantemente o silêncio.

— Não sabia que tinhas um namorado — disse ele.

— Na verdade, não tenho — respondeu ela.

— Não faz mal, Margo. Acho que te vais sair bem.

Não tinham falado desde então. Ligou-lhe nesse momento.

— Tenho medo — disse-lhe, assim que ele atendeu.

— Olá — respondeu ele, e a sua voz pareceu-lhe estranha. Depois, ouviu uma mulher ao fundo. Podia ser uma amante, a mulher ou

uma das filhas, e Margo sabia que isso significava que a conversa seria curta. Pelo menos, tinha atendido, disse a si própria. Sabia que era ela e, mesmo assim, tinha atendido. Isso era um tipo de amor.

Margo foi direta ao assunto.

— E se eu estiver a cometer um grande erro?

— Não estás — disse ele. Ambos sabiam que estavam prestes a ter a versão mais abreviada possível daquela conversa. Era como falar em código Morse.

— Não estou? Tens a certeza?

— Posso garantir-to — disse ele.

— Está bem — respondeu ela.

— Está bem — repetiu ele.

Desligaram e Margo sentiu-se melhor. Mas foi uma libertação de tensão lenta e insatisfatória, como encher um copo com uma cerveja morta.

NUM SÁBADO, já Margo estava de seis meses, foi com Shyanne à Goodwill, na esperança de encontrar um carrinho de bebé usado que não fosse indiscutivelmente triste. Margo queria um carrinho *UPPAbaby* mais do que alguma vez quisera alguma coisa na vida, e os carrinhos da Goodwill estavam tão longe do carrinho *UPPAbaby*, feitos de um tecido floral castanho que sugeria uma outra época ou país, talvez a Rússia Soviética, incrustados com a comida de algum bebé anterior, a julgar pelo aspeto, muito ovo.

— O Mark devia comprar-te um carrinho de bebé — disse Shyanne. — É o mínimo. Já falaste com ele sobre isto?

Assim que Shyanne aceitou que Margo não faria um aborto, concentrou-se numa única coisa: sacar dinheiro a Mark. Todas as conversas passaram a ser sobre isso, sobre como Margo precisava de o levar a tribunal para provar a paternidade e garantir que ele pagaria a pensão de alimentos. Shyanne ficou horrorizada quando Margo recusou e disse que não queria causar problemas no casamento dele. A mulher dele nunca tinha descoberto

nada e Mark estava desesperado para que ela continuasse na ignorância.

— Não cometas o mesmo erro que eu — disse Shyanne. — Podes pensar que, se fores generosa e o deixares manter o casamento, talvez as coisas entre vocês...

Mas não era isso que Margo sentia de todo. Sinceramente, já não queria ter nada que ver com Mark.

— Não — disse ela. — Não vou pedir a porcaria de um carrinho de bebé ao Mark. — Só que agora estava prestes a chorar na Goodwill, e nunca se tinha sequer considerado uma pessoa materialista. O que quer que houvesse na Target ou em lojas de artigos em segunda mão sempre lhe servira perfeitamente. Mas achava que, se tivesse de usar um daqueles carrinhos castanhos que cheiravam a sapatos de salão de *bowling*, o seu bebé, quando crescesse, iria ser daqueles que cuspiam da janela de carrinhas em andamento e que se ria de piadas racistas. E, honestamente, havia uma grande probabilidade de isso acontecer, independentemente do carrinho que ela usasse, e pensar nisso tirava-lhe o fôlego.

— Talvez não precise de um carrinho de bebé — disse Margo. — Ou talvez encontre um na Craigslist.

— O que tens de fazer é o seguinte — disse a mãe, dirigindo-a para a secção de vidro e cerâmica, a preferida de Margo desde sempre. — Escreves ao Mark e dizes...

— Não — interrompeu-a Margo. — Não sei como ser mais clara acerca disto. Nunca, mas nunca, irei pedir nada ao Mark. Nunca.

Shyanne revirou os olhos.

— Teremos de esperar para ver.

— Vamos ver melhor aquele azul.

— O tabuleiro de refeições do azul está partido.

— Vamos só olhar para ele outra vez — disse Margo, arrastando Shyanne de volta para os carrinhos de bebé.

Margo acabou por esperar na fila durante trinta minutos e comprou o azul, de cabeça erguida, com os olhos iluminados por um orgulho flamejante, do qual conseguia sentir dentro de si as

labaredas azuis a erguerem-se, e acreditou nesse momento que esse orgulho a podia limpar, que esse orgulho podia queimar todas as impurezas, que esse orgulho a podia salvar.

DEPOIS, BODHI NASCEU e Margo ficou sozinha com ele no quarto, como se tivesse sido fechada lá dentro e lhe tivessem dito para tecer palha e transformá-la em ouro. Como é que as outras mulheres faziam aquilo? Dormia, no máximo, duas horas de cada vez. O seu pijama estava coberto de leite seco e bolçado de bebé. Em vez de mudar de roupa, vestia a sua camisola cinzenta gigante, prendia Bodhi no seu porta-bebés à frente e ia até à Fuel Up!, na esquina, onde comprava um sumo de laranja e um pacote de *Harvest Cheddar SunChips*, um pequeno-almoço que ela e Becca tinham inventado, chamado «Refeição Laranja».

Tinha enviado uma mensagem a Becca muito depois do telefonema (Vou ficar com ele) e Becca não tinha respondido. Quando Bodhi nasceu, enviou-lhe uma fotografia. Becca respondeu-lhe: É lindo! Parabéns! Mas, depois disso, silêncio absoluto. Até as raparigas que ela conhecia do secundário e que, surpreendentemente, tentaram manter a amizade com Margo depois do nascimento de Bodhi, aparecendo com comida chinesa e planos para ficarem a ver Netflix, ficaram perturbadas com a impossibilidade de se divertirem por causa do bebé. Não sabiam como lhe pegar — ele arqueava as costas e debatia-se quando tentavam —, por isso nem sequer podiam ajudar enquanto Margo tomava banho. Bodhi deitou ao chão uma caixa cheia de *fu yung hai* com um braço agitado enquanto ainda estava preso à mama de Margo. Isso era outra coisa: as suas mamas estavam por todo o lado. Esquecia-se de as voltar a tapar e uma delas ficava ali, a brilhar como um olho preguiçoso enquanto ela acabava o que estava a dizer ou dava uma dentada na comida. E os mamilos tinham-se tornado estranhamente longos, com quase um centímetro e meio. Não tinha piada. Não era divertido visitar Margo e o bebé e, por isso, aos poucos, toda a gente deixou de o fazer.

As companheiras de casa não foram simpáticas em relação à situação do bebé. Agiram as três como se o bebé de Margo fosse como ter um cão numa casa arrendada que os proibia. Parecia-lhes uma loucura que alguém pudesse ter um bebé a berrar onde lhe apetecesse, e Margo compreendia o ponto de vista delas e conseguia recordar de forma distante o estado de espírito delas, mas não conseguia comunicar-lhes o que tinha mudado para si ou o modo como achava que elas se deviam comportar.

Uma vez, a meio da noite, Bodhi não parava de chorar e Margo não fazia ideia porquê. Tinha feito tudo: tinha-lhe mudado a fralda, tinha-lhe dado de mamar, tinha-o posto a arrotar. Mas o bebé continuava a arquear as costas e a dar uns gritos agudos, como uma águia profundamente irritada. Tentou enfiar-lhe a mama na boca, mas ele limitou-se a virar a cara e a gritar ainda mais.

Kat, a Maior, bateu na parede.

— Pouco barulho aí!

— Não achas que, se soubesse como o fazer parar, o faria?! — gritou Margo.

Ouviu Kat, a Maior, a atirar algo, aparentemente um livro ou talvez um despertador, algo relativamente pesado.

— Foda-se, o que é que queres que eu faça?! — gritou Margo.

— *Vai lá para fora* — rugiu Kat, a Maior, e, depois, Margo ouviu passos e Kat, a Maior, estava no seu quarto, a falar depressa, como um leiloeiro. — Não sei porque é que achas que isto é aceitável, é completamente inaceitável, estás doida, foda-se, achas que não tenho nada para fazer amanhã? Tenho um exame final de Bioquímica e nunca vais perceber o que esta noite de sono me pode custar, nunca vais perceber, por isso, se não o consegues calar, leva-o lá para fora!

Kat, a Mais Pequena, apareceu atrás dela no vão da porta.

— Importam-se de falar mais baixo? — perguntou.

— São duas da manhã e estás a pôr-me a mim e a um bebé de três semanas na rua? — perguntou Margo, sentindo o calor maravilhoso e crescente da raiva.



Não sabia que era daquilo que precisava: discutir. Estava tão zangada, tinha passado semanas zangada: com Mark, por a ter engravidado e também por ter razão quando dissera que os bebês eram difíceis e que ela não devia ter tido um, com Shyanne, por não ter ajudado mais e por ter razão ao dizer que aquela decisão arruinaria a sua vida. Estava realmente a arruinar a sua vida. A sua vida estava arruinada. Há quatro dias que não tomava banho e, mesmo quando conseguia tomar, tinha de deitar Bodhi no tapete junto da banheira e deixá-lo a chorar, falando com ele e cantando enquanto lavava o cabelo e o corpo o mais depressa que podia. Por que raio tinha feito aquilo? A dimensão, a magnitude, da sua própria estupidez era esmagadora. E doía ainda mais porque amava Bodhi mais do que alguma vez tinha amado alguma coisa ou alguém e não abdicaria dele por nada no mundo.

— Vão-se foder as duas — exclamou Margo. — Podiam oferecer-se para me ajudar. Podiam demonstrar um mínimo de decência.

— O que é que estás para aí a dizer?! — replicou Kat, a Maior, começando a gesticular com as mãos no quarto escuro. — Estás doida? O bebé é teu! A responsabilidade é tua! Não é minha! A minha responsabilidade é passar no exame de Bioquímica!

— Acho que — começou Kat, a Mais Pequena, com a sua voz aguda e suave — o que a Margo está a dizer é...

— Muito bem — interrompeu Margo. — Vou-me embora.

Prendeu Bodhi no porta-bebês, à frente, e enfiou-lhe um gorro na cabeça.

— Satisfeitas? — perguntou-lhes.

— Sim! — respondeu Kat, a Maior. — Porque agora vou poder dormir!

— Margo... — disse Kat, a Mais Pequena, mas ficou-se por aí.

Margo bateu com a porta da frente e precipitou-se pelas escadas exteriores. Normalmente, ficava aterrorizada quando subia ou descia com Bodhi, com receio de escorregar, cair e de o esmagar por baixo do seu corpo maciço (sentia a diferença de tamanho entre eles; com três semanas, ele mal tinha o tamanho de um gato pequeno),

mas a raiva tornava-a tão graciosa que não temia nada. Quando saiu para a rua escura, a beleza da noite avassalou-a. Estava fresca, mas não fria. A Lua brilhava. Começou a caminhar até ao carro porque não sabia o que fazer. Embalado pelo movimento dos passos, Bodhi descontraíu e aconchegou-se no porta-bebés, e Margo percebeu que ele estava quase a adormecer. Olhou para os dois lados da rua. A noite estava linda. Os candeeiros estavam acesos e sentia-se relativamente segura, desde que se mantivesse na sua pequena área residencial e não se aproximasse demasiado da autoestrada.

Andou por Fullerton durante mais de uma hora, pensando no que tinha acontecido, na sucessão de decisões que a tinham conduzido até àquele ponto e no significado de tudo aquilo. Na importância que teria a amabilidade naquele momento e na forma como ninguém estava disposto a dar-lha. Na forma como o bebé era sagrado para si e como era mundano e irritante para os outros.

Margo sentia-se tão ferida e frágil, tão mortal e, ainda assim, mais forte do que alguma vez tinha sido. A opção de se atirar para o chão e chorar não existia. Tinha de continuar a andar, passando pelas roseiras e pelos gnomos de jardim no escuro, com o bebé a dormir contra o peito, questionando-se quando seria seguro voltar para casa.

# UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO

*Oprah Daily, Amazon, NPR, Washington Post, Time*

Filha de uma empregada de mesa da Hooters e de um ex-lutador profissional, Margo Millet sempre soube que teria de se desenvolver sozinha. Assim, decide inscrever-se na universidade, ainda que sem qualquer certeza acerca do futuro. O que certamente não estava nos seus planos era ter um caso com o professor de Literatura Inglesa e, ainda menos, que uma relação tão breve resultasse numa gravidez. Contra os conselhos de todos os que a rodeiam, Margo decide, ainda assim, não interromper a gravidez, tal é a sua vontade de encontrar um objetivo maior.

Agora, com 20 anos, Margo vê-se com um filho nos braços, sem emprego e em vias de ser despejada. O futuro avizinha-se cada vez mais incerto, e Margo, a bem ou a mal, terá de encontrar uma solução — por mais controversa que seja.

Extraordinariamente divertido, honesto e lúcido, *Margo Tem Problemas de Dinheiro* é uma história terna cuja heroína, recém-chegada à idade adulta, tudo terá de fazer para conseguir ter algum poder num mundo com pouco interesse em conceder-lho.

«Personagens extraordinárias, uma trama rica e detalhada, reflexões profundas sobre ficção e moralidade, uma história de amor e um final feliz.»

**Kirkus Reviews**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-527-0



9 789895 835270

